



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO PEDAGOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

DANUSA DE FÁTIMA LOURENÇO DA SILVA

**A FUNÇÃO DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: *A INFLUÊNCIA E AS
CONTRIBUIÇÕES ACERCA DA APRENDIZAGEM***

**GUARABIRA
2021**

DANUSA DE FÁTIMA LOURENÇO DA SILVA

**A FUNÇÃO DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A INFLUÊNCIA E AS
CONTRIBUIÇÕES ACERCA DA APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Área de concentração: Fundamentos da Educação e Formação Docente.

Orientadora: Profa. Arilane Florentino Félix de Azevêdo

**GUARABIRA
2021**

S586f Silva, Danusa de Fatima Lourenco da.
A função da afetividade na Educação Infantil [manuscrito] :
A influência e as contribuições a cerca da aprendizagem /
Danusa de Fatima Lourenco da Silva. - 2021.
46 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2021.

"Orientação : Profa. Ms. Arilane Florentino Félix Azevêdo ,
Coordenação do Curso de Pedagogia - CH."

1. Afetividade. 2. Relação Professor/Aluno. 3. Valores. 4.
Aprendizagem. I. Título

21. ed. CDD 372.24

DANUSA DE FÁTIMA LOURENÇO DA SILVA

**A FUNÇÃO DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A INFLUÊNCIA E AS
CONTRIBUIÇÕES ACERCA DA APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Pedagogia da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito para a
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia.

Área de concentração: Fundamentos da
Educação e Formação Docente

Aprovada em: 01/06/2021.

BANCA EXAMINADORA

Arlane Florentino Félix de Azevêdo

Prof.^a. Me. Arlane Florentino Félix de Azevêdo (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Francineide Batista de Sousa Pedrosa

Prof.^a. Me. Francineide Batista de Sousa Pedrosa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Mônica de Fátima Guedes de Oliveira

Prof.^a. Me. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

GUARABIRA
2021

Este trabalho é dedicado ao Senhor, meu Deus e criador do céu e da terra, dono do meu destino e da minha vida. À minha amada avó, Maria das Neves Correia Ferreira (*in memoriam*), a qual me criou e educou.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao, meu pai amado, Deus, por ter me sustentado ao longo desse processo me concedendo sabedoria, força e fé para a conclusão de mais essa etapa em minha vida.

As minhas filhas Bianca Maria e Emily Victória que sofreram a minha ausência durante esse período, porém sempre entenderam e permaneceram junto a mim e em especial a Bianca por ter me ajudado na construção desse trabalho.

Aos meus pais Abraão Lourenço da Silva e Maria das Graças Lourenço da Silva por me concederem a vida e me amarem incondicionalmente.

Às minhas queridas amigas, Giselle Moreira, Janaína Andrade e Vanessa Ferreira por sempre estarem compartilhando seus conhecimentos, pela amizade construída, e estarem sempre ao meu lado ajudando no que era possível com paciência e apoio.

A minha amada amiga, Khyslayny Katyelly que como diretora do meu âmbito de trabalho sempre foi imensamente compreensiva, atenciosa e parceira quando eu necessitava me ausentar das minhas atividades. Sua ajuda foi de grande relevância para a edificação desse trabalho.

A todos os professores do curso de Pedagogia que me fizeram trilhar esse caminho até o fim, em especial, à minha orientadora, Arilane Florentino, que aceitou me orientar para composição desse trabalho.

Por fim, os agradecimentos vão para todos os amigos que deram sua contribuição direta ou indiretamente, a Vera Lúcia, uma vizinha, que desde o início desse longo percurso me incentivou a continuar persistindo no meu sonho em todas às vezes que eu pensava em desistir devido as dificuldades e problemas diários familiares.

Ao meu companheiro, Radahmés Nascimento pela compreensão, atenção, apoio, carinho e amor para comigo, e esteve presente ao meu lado do início ao fim dessa trajetória, minha eterna gratidão a todos.

“As escolas deveriam entender mais de seres humanos e do amor do que de conteúdos e técnicas educativas. Elas têm contribuído em demasia para construção de neuróticos por não entenderem de amor, de sonhos, de fantasias, de símbolos e de dores”

Claudio Saltini

RESUMO

Este trabalho traz luz a pensamentos e questionamentos, abordando a função da afetividade na educação infantil (EI) e quais são suas influências e contribuições no campo escolar acerca da aprendizagem. O objetivo geral da pesquisa tem a intenção de investigar a influência da afetividade no processo de ensino e aprendizagem, promover um espaço para essa discussão, que dá a impressão, até o momento, ter pouca ênfase nas diversas áreas de concentração da educação. O vigente estudo de campo, é de natureza qualitativa e do tipo descritiva, que tem como objetivos específicos, analisar as contribuições da afetividade no processo de ensino e aprendizagem, observar as relações entre o professor e as crianças por meio do afeto, averiguar como as emoções contribuem na aprendizagem e examinar como a invisibilidade social afeta a vida pessoal e profissional do indivíduo, com embasamento teórico de Barros (2007), Cunha (2012), Ferreira (2006), Piaget (1971), Piaget (1971), Pimenta (2011), Wallon (1999), como também da importante contribuição de outros estudiosos. Verifica-se que a afetividade, na prática pedagógica, vem como um instrumento que ajuda o docente a conduzir da melhor maneira seus comportamentos e condutas para que em hipótese alguma atinja a criança de modo negativo, prejudicando, assim, seu processo de aprendizagem. Sabemos que o valor do vínculo afetivo é de suma importância para o desempenho da criança dentro e fora da sala de aula, pois é no âmbito escolar que a criança encontra afeto, amor e carinho. Muitas vezes, negados até pelas famílias. Então, o professor deve ter esse olhar atento para as peculiaridades de cada discente, visto que, é interessante identificar meios que podem favorecer de maneira positiva e/ou negativa na desenvoltura da criança. Os resultados revelam a necessidade que a afetividade tem de ser um constituinte das práticas em sala de aula e da relação entre o educador e o educando, com importante relevância para inserção da criança ao meio escolar e por conseguinte ao social em todos os seus contextos.

Palavras-chave: Afetividade. Relação professor e aluno. Valores. Aprendizagem.

ABSTRACT

This work brings up reverberations and questions, addressing the role of affectivity in early childhood education and what are its influences and contributions in the school field about learning. The general scope of the research is intended to analyze the importance of affectivity in the school environment and, to promote a space for this discussion, which gives the impression, so far, to have little emphasis in the various areas of concentration of education. The current case study is qualitative and descriptive. It appears that affection, in pedagogical practice, comes as an instrument that helps the teacher to conduct his behaviors and conduct in the best way so that under no circumstances affects the child in a negative way, thus impairing his learning process. We know that the value of the affective bond is of paramount importance for the child's performance inside and outside the classroom, as it is in the school environment that the child finds affection, love and affection. Often, even denied by families. So, the teacher must have this attentive look at the peculiarities of each student, since it is interesting to identify ways that can positively and / or negatively favor the child resourcefulness.

Keywords: Affectivity. Teacher and student relationship. Values. Learning.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A AFETIVIDADE COMO RECURSO CONSTRUTIVO DA APRENDIZAGEM	15
1.1 A afetividade como potencializadora de inclusão.....	16
1.2 Vivenciando a afetividade e invisibilidade	17
1.3 Reflexão sobre o papel da família no desenvolvimento e relações afetivas das crianças.....	21
2 DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO PROCESSO EDUCATIVO DIÁRIO	24
2.1 Recursos didáticos e tecnológicos como ferramentas de aproximação e afeto	25
2.2 A afetividade na perspectiva de inclusão de crianças com autismo (TEA)	27
2.3 O papel e importância do educador na educação infantil	29
3 PERCURSO METODOLÓGICO	33
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	33
3.2 MÉTODO DE PESQUISA	34
4 ANÁLISE E DISCUSSÕES DE DADOS	35
4.1 No estágio do PIBID.....	35
4.2 No meu campo de trabalho.....	38
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44

INTRODUÇÃO

A educação no Brasil decorre de muitos problemas, em especial, nas escolas públicas, a falta de estrutura, equipamentos adequados de trabalho, merenda, baixos salários dos profissionais, entre outros, nos faz reverberar sobre a realidade escolar de dificuldades diárias, onde acaba desmotivando o interesse do professor em exercer sua profissão de modo a bloquear até mesmo o interesse a se produzir um possível laço afetivo entre ele e seu aluno.

Para tanto, a iniciativa de falar sobre o tema do papel da afetividade deu-se com a experiência vivida por mim, no PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), os estágios aconteceram em uma Creche no município de Cuitegi-PB, com crianças de 03 (três) a 04 (quatro) anos de idade. Também pelo fato de trabalhar em uma escola pública no município de Alagoa Grande-PB.

A função da afetividade na educação infantil revela em todos os seus aspectos um processo muito importante para o ensino e aprendizagem, afinal de contas, o vínculo afetivo está vigente em todo o percurso da vida. Na esfera familiar, é a relação afetiva, constituída entre adultos e crianças que permite o começo do processo e, por meio da interação afetiva com o outro, da afetividade formada, que a criança tem aproximação ao universo figurativo, desempenhando sua aptidão cognitiva. Essa função afetiva tem-se extensão na escola, que é um espaço apto a somar muito a uma criança, contribuições positivas ou negativas, que serão transportadas ao longo de sua jornada.

Com as transformações oriundas da tecnologia da informação as relações interpessoais tem modificado bastante. E como não poderia ser distinto, acabaram por influenciar a educação, visto que, agora o acesso à informação que a criança possui chega muito rápido. Todavia, mesmo com esse avanço tecnológico que possuímos ao nosso redor, o vínculo afetivo ainda se faz imprescindível.

De acordo com Miranda (2008), “as virtudes e valores do professor que consegue estabelecer laços afetivos com seus alunos repetem-se e intrincam-se na forma como ele trata o conteúdo e nas habilidades de ensino que desenvolve”. Ou seja, são essas trocas afetivas que me instiga a aproximar-se dessa temática.

Para Saltini (1999), além da técnica de conteúdos e metodologias, as instituições escolares deveriam compreender de – seres humanos e de amor – visto

que, lidar com sonhos, anseios, afeições, fantasias e aflições coopera para o progresso integral do ser humano.

A elaboração desta pesquisa se deu a partir da necessidade de mostrar como é de suma importância o papel do vínculo afetivo em sala de aula, diante de uma sociedade desenvolvida, tecnológica, globalizada onde muitos princípios vão se perdendo, os sujeitos estão se tornando mais consumistas, apegados a mídia, aos bens materiais, se esquecendo, por via de regra, aquilo que mais tem importância e, que está além do plano palpável.

Desse modo, os vínculos afetivos estão ficando cada vez mais frágeis, são vínculos permeados por enfrentamentos, ofensas, intolerância e preconceito, como as que ocorrem em alguns espaços escolares, com problemas de comportamento, agressões físicas e verbais. Ainda por cima há uma obrigação de criar elementos de recuperar nas pessoas boas condutas, valores morais, éticos e de cidadania. Sentimentos de amor, paz, fraternidade, compaixão, enfim, meios de produzir nos sujeitos o anseio de se viver em sociedade mais afável.

Conforme (ANTONINO *et al* 2012, p. 56) “[...] a afetividade é usufruída com um sentido mais extenso, referindo-se às vivências dos sujeitos e às formas de expressão mais abstrusas e fundamentalmente humanas”. A função da afetividade é desempenhar um papel de entusiasmo do desenvolvimento que vai do saber a autonomia, pois é através dos vínculos que a criança constitui com o meio que ela deve ser respeitada e amada no âmbito escolar. Ademais, em seu desenvolvimento de aprendizagem ela começa a externar seus sentimentos e emoções, e dessa maneira consegue se ampliar inteiramente.

Conforme Saltini (1997) para Piaget a evolução afetiva e a evolução moral estão coadunados de maneira peculiar e paralela: a criança vai excedendo a etapa do individualismo, vai observando a importância das influências mútuas com os outros indivíduos e desempenha a acuidade do eu e do outro como referência. A afetividade é analisada por Piaget como qualidade inevitável para a inteligência. Ou seja, para o entendimento de um conteúdo deve haver um vínculo afetivo entre quem ensina e quem aprende, para haver o empenho, a motivação, o encorajamento, e consequentemente o aprendizado.

Partindo desse pressuposto, este trabalho está organizado em duas partes. A primeira versa na pesquisa de campo por meio de observações em uma creche no município de Cuitegi, abordando a função da afetividade como potencializadora de

inclusão, seus conceitos, seu valor no desenvolvimento infantil e vínculo familiar, relação afetiva, os desafios e possibilidades no processo educativo diário. Na segunda parte serão apresentados os procedimentos metodológicos, abordando a pesquisa de campo de caráter descritivo, realizada através de uma análise de observação em uma creche no município de Cuitegi-PB. Na terceira e última parte, serão feitas as considerações finais com a conclusão do trabalho.

Para a elaboração deste trabalho foi usado como embasamento a seguinte pergunta: qual a influência e benefícios da afetividade no desenvolvimento escolar dos educandos?, como objetivo geral: investigar a influência da afetividade no processo de ensino e aprendizagem e objetivos específicos: analisar as contribuições da afetividade no processo de ensino e aprendizagem, observar as relações entre o professor e as crianças por meio do afeto, averiguar como as emoções contribuem na aprendizagem e examinar como a invisibilidade social afeta a vida pessoal e profissional do indivíduo.

Elencar outros pontos também se fazem necessários, como: a construção das relações afetivas e para o crescimento evolutivo no processo de ensino e aprendizagem do educando; ressaltar o valor do vínculo afetivo entre o professor e a criança para o processo de ensino e aprendizagem; identificar meios que podem favorecer de maneira positiva e/ou negativa no desempenho infantil.

A afetividade é de extrema importância para a constituição dos conhecimentos cognitivo afetivo nas crianças e, por conseguinte, nas relações que devem ser formadas entre professor e aluno, é através dela que surge o reconhecimento com outros sujeitos. A ternura, a sensibilidade e o modo de se comunicar do professor vão ter influência no modo de agir das crianças e promovendo o desempenho cognitivo, já que durante a ação de aprendizagem não se consegue afastar do aluno o desenvolvimento pleno intelectual e do laço afetivo.

Ao cercear o laço afetivo e atuando com autoritarismo sendo apenas um condutor de conhecimentos, o educador poderá desempenhar no aluno sentimentos de insensibilidade, inimizade e desprendimento, acendendo polarizadores negativos no desenvolvimento desta criança, colaborando para o desenvolvimento de indivíduos desprovidos de ternuras, apáticos.

Todavia, essa reverberação é essencial para que se comprove que a afetividade e a cordialidade docente pode, sim, cooperar largamente para o progresso cognitivo da criança, tornando mais estreita suas relações interpessoais e tornando a

metodologia de ensino e aprendizagem complementada, em todos os seus aspectos. O educando enquanto aprendiz, terá seu aprendizado logrado.

Brota daí a relevância de se abordar os vínculos afetivos estabelecidos na educação infantil, já que esses fazem parte dos indivíduos e podem interferir de modo negativo ou positivo na evolução da criança.

1 A AFETIVIDADE COMO RECURSO CONSTRUTIVO DA APRENDIZAGEM

As diferentes formas de expressar sentimentos envolvem pessoas, lugares, objetos, lembranças e pode-se citar como exemplo de externar um deles, o amor com que é gerado um filho, dessa forma, acontece a troca, onde o bebê sente tudo através da ligação de emoções com sua mãe ainda em seu ventre. Após o fim da gestação dar-se o momento de maior felicidade e plenitude, o de conhecer seu filho, com isso inicia-se outra fase, onde os sentidos irão emergir e o afeto evoluir ao longo do tempo, através do olhar, de gestos, do toque e do amor físico.

Para cuidar é preciso antes de tudo estar comprometido com o outro, com suas singularidades, confiando em suas capacidades. Disso depende a construção de um vínculo afetivo entre quem cuida e é cuidado. (RCNEI – vol.1.p.75, MEC/ SEF, 1988).

As palavras amor e afeto caminham juntas, uma criança que recebe amor no seio familiar cresce mais feliz tem mais facilidade de concentração, interação e aprendizado, tomando esse viés deve-se lembrar da importância da família em meio a esse contexto. Quando falamos em práticas educativas está inserida a família, a escola e a comunidade, todos trabalhando juntos para que aquele aluno possa trilhar seus próprios passos, tornando-se um cidadão autoconfiante, seguro de seus conhecimentos e decisões.

A afetividade dentro da prática pedagógica já tornou-se evidente ser uma ferramenta importante em sala de aula, pois a partir do momento que a criança sente-se amada surge o sentimento de segurança e confiança, o afeto torna todo processo de conhecimento e aprendizado em resultados positivos na construção dos saberes. A partir do momento que o professor demonstra sentir-se tocado a desenvolver esses sentidos em sala e se torna recíproco os benefícios serão muitos, a começar da convivência entre ambos.

Para Wallon (1995), um dos principais teóricos do desenvolvimento humano, atribui a emoção o primeiro sentimento que cria relação afetiva entre os indivíduos. Isto é, o vínculo afetivo criado entre as relações escolares e experiências e experiências diárias torna o processo educativo mais leve, suave e prazeroso diante de qualquer situação adversa, um olhar, um abraço, um gesto carinhoso conquista toda criança e será sempre válido na busca de uma melhor convivência e na perspectiva de melhorar as intervenções pedagógicas no processo de ensino e

aprendizagem dos alunos.

1.1 A afetividade como potencializadora de inclusão

O ambiente escolar é palco de desafios, cenários diversos e públicos diferentes, neste sentido, a palavra inclusão torna-se significativa e de caráter relevante na construção das aprendizagens, na comunicação, no estímulo das emoções e na socialização entre as pessoas. A inclusão a respeito da educação busca valorizar qualquer diferença sentida ou vivida, assegurando o respeito ao desenvolvimento intelectual, de maneira que garanta a dignidade e a composição de identidades.

[...] Compreende tantos os instrumentos essenciais para a aprendizagem (como a Leitura e a escrita, a expressão oral, o cálculo, a solução de problemas) quanto aos conteúdos básicos da aprendizagem (como conhecimentos, habilidades, valores e atitudes), necessários para que os seres humanos possam sobreviver e desenvolver plenamente suas potencialidades, viver e trabalhar com dignidade, particularmente do desenvolvimento, a melhor qualidade de vida, tomar decisões fundamentadas e continuar aprendendo (DECLARAÇÃO MUNDIAL SOBRE EDUCAÇÃO PARA TODOS, 1990 s/p).

A afetividade no panorama de inclusão na sala de aula torna-se intercessora entre os relacionamentos e a aprendizagem mesmo diante de comportamentos múltiplos e complexos, tal sentimento viabiliza a capacidade de compreender e aprender, no entendimento nas relações entre professor e aluno. Para a criança sentir-se acolhida, incluída e aceita traz à tona a sensação psíquica de bem-estar.

De acordo com Pinto e Sarmiento (1997) à escola em colaboração com a família e à sociedade é resguardado a função de fortalecer o processo de formação da criança para a cidadania, envolvendo conhecimentos, costumes, aptidões, valores, maneiras de pensar e atuar contextualizadas ao social para que possa envolver-se de sua evolução. O universo “dos adultos” estabelece algumas contradições em relação à infância ao ponderar as crianças, as suas conjunturas e condições de vida.

Por isso, a escola deve laborar na acepção de organização dos preceitos afetivos e cognitivos. A convivência afetiva implica interação, consideração pelas ideias, pelas apreciações do outro, afeto, reciprocidade e bel-prazer por parte dos envolvidos.

Portanto, o que significa a palavra exclusão? Segundo o dicionário Aurélio (FERREIRA, 2001, p. 304), seu significado consiste em; “ato de excluir-(se)”. A exclusão é uma palavra que está inserida em diversos contextos, como excluir-se ou ser excluído por alguém em uma situação vivida, perante essa conjuntura atinge todas as classes sociais, considerando que os educandos de maior fragilidade ou condição de pobreza sofrem mais essa ação.

Quando o sistema educativo trabalha na desconstrução desses estereótipos e torna a inclusão igualitária, compreendendo que educar com afeto faz com que essas crianças tenham rendimento satisfatório e as aproxima de um ensino regular justo, implicará que seguimos para uma escola mais democrática e humanizada.

É nesse sentido que Saltini (1997) menciona que as escolas precisariam examinar mais para as pautas humanas e menos para as substâncias e metodologias educativas, para constituírem, desse modo, cidadãos também mais humanos e afetivos.

É de suma importância notar que a escola tem um papel que além de auxiliar no processo de assimilação de conhecimentos intelectuais, possibilita também o desenvolvimento afetivo entre os sujeitos.

Conforme Almeida (1999):

A afetividade, assim como a inteligência, não aparece pronta nem permanece imutável. Ambas evoluem ao longo do desenvolvimento: são construídas e se modificam de um período a outro, pois à medida que o indivíduo se desenvolve, as necessidades afetivas se tornam cognitivas.

Nesse íterim, a grande instigação do professor para o progresso é vislumbrar o aluno em seu contexto, posto que ambos vivem em ambientes díspares e precisam compreender a totalidade em que cada um está inserido. Portanto, é interessante atribuir contribuições para envolver a interação que o professor e a criança devem constituir dando relevante subsídios ao desempenho no processo de ensino e aprendizagem.

1.2 Vivenciando a afetividade e invisibilidade

Adentrar no assunto invisibilidade nos faz refletir em todo contexto histórico o qual aborda esse tema, principalmente pela desigualdade de classes sociais, como também pela situação cultural, religiosa, estética, etc. De acordo com a história do Brasil o mal que se assolou por muitos anos foi a exploração da força de trabalho de

homens e mulheres africanas, sustentada pelo tráfico negreiro, que entre o século XVI e XVII persistiu no país, a cor da pele tornava essas pessoas invisíveis e humilhadas.

Filho (2005) corrobora que a invisibilidade do povo teve seu progresso na história e foi caracterizada pelos golpes de exploração e servidão com procedência nos escravos africanos e nativos e, em seguida, acerca dos imigrantes com baixos salários.

Passaram-se os anos e o progresso, porém este assunto não sofreu muita transformação, envoltos a uma sociedade capitalista e individualista, que se reflete de forma contemporânea a cultura do consumismo, reflexo de um processo histórico de longa duração.

Buscando trazer à baila e entender de que modo este tema está inserido no contexto escolar retorna-se para valores e um modelo de hierarquia ligada a mudanças e transformações no cotidiano diário. Um exemplo do que se fala é ao ver um gari na rua exercendo sua função, na grande maioria das vezes, ele é ignorado, tornando-se um cidadão invisível devido a sua profissão, ou seja, a cegueira das pessoas faz com que esses profissionais essenciais sintam-se angustiados, desvalorizados, pouco reconhecidos e humilhados.

De acordo com, Da Costa (2008), entende-se que a cegueira pode ser caracterizada como uma cegueira pública quando um homem desaparece para outro configurando assim um evento psicossocial característico da sociedade pós moderna, referindo assim a dois fenômenos intrinsecamente relacionados com a cegueira: humilhação social¹ e reificação (humanos reduzidos).

Para Da Costa (2008) a invisibilidade é a decorrência de uma ação histórica de longa duração. Degrada a percepção de outrem, principalmente a percepção de alguém vinculado à baixos salários, o trabalho inábil, alienado e absorto. Isto é, a invisibilidade social no campo de trabalho relaciona-se aos profissionais desprovidos de status e reconhecimento social, são tidos e vistos por algumas pessoas como inferiores, os que mais carregam o estigma da invisibilidade são: faxineiras, garis, lixeiros, coveiros, garçons, cozinheiras, motoristas etc. Sendo assim, estas pessoas

¹ A humilhação social conhece, em seu mecanismo, determinações econômicas e inconsistentes. Deveremos propô-la como uma modalidade de angústia disparada pelo enigma da desigualdade de classes. Todavia, essa ideia, por sua vez, prende-se à leitura lefortiana do Discurso da Servidão voluntária (LEFORT, 1982, p. 125-71).

não são tidas e vistas como parte integrante da sociedade de consumo, onde o status social impera tornado evidente o preconceito para com todos eles.

Difícilmente são reconhecidos profissionalmente, porém apesar de poucos os enxergarem, ainda existem sim pessoas que chegam, cumprimentam, de uma forma ou de outra dão a tão sonhada atenção e isso para eles torna-se uma demonstração de afeto que muitas vezes precisam apenas disso para transformar o dia de trabalho difícil em um dia melhor. Tal demonstração gera carinho, afetividade que de algum modo traz reconhecimento e valorização para profissionais tão invisíveis. O afeto muda relações, transforma opiniões, aproxima pessoas e nos faz enxergar a vida e as pessoas pelo lado bom que se tem.

Bauman (2005) afirma que a enigmática vulnerabilidade das relações humanas, a comiseração de insegurança que ela move e os desejos conflitantes (estimulados por tal comiseração) de apertar os laços e ao mesmo tempo mantê-los instáveis, é o que o livro dele busca explicar, escrever e instruir-se.

Sentir-se invisível perante a algumas pessoas com quem se convive diariamente é um tanto quanto frustrante, o indivíduo sempre será julgado e condenado a invisibilidade pela posição social que ocupa ou pelo cargo que exerce, trazendo a ideia de que o valor dele está no que aparenta e não na sua sabedoria, conhecimento, experiências, caráter e dignidade.

Segundo Bauman (2003), a modernidade líquida instituiu uma nova fase nos relacionamentos, que estão cada vez mais debilitados e desumanizados, espelho disso pode ser o acontecimento mantenedor da invisibilidade social.

A experiência de ser invisível sentida na pele tornou-se algo marcante enquanto funcionária pública em um âmbito escolar, trouxe reflexões, ensinamentos e uma nova forma de ver as situações de modo diferente. Quando se é tratado com certa indiferença, sem afeto e carinho por crianças, percebe-se que há algo de errado na maneira com que se vem educando nossos alunos, então nos surgem as perguntas, onde está a pedagogia do amor e respeito? Não se está ensinando as nossas crianças os valores devidos? A quebra do preconceito?

O fato de vivenciar tal situação chama atenção, foi no ambiente de trabalho, exercendo o cargo de merendeira o qual exerci três anos em uma escola municipal na cidade de Alagoa Grande-PB, após esse tempo foi necessário a mudança de função, sendo tudo novo, de merendeira a agente administrativo, por ser considerado um

“cago mais elevado” e mudar de setor de trabalho foi notório a drástica mudança de tratamento por parte de todos os funcionários e, principalmente, pelas crianças.

Toda aquela situação me fez enxergar que a afetividade e a invisibilidade estavam lado a lado, pois enquanto merendeira era um ser “invisível”, era chamada por ‘tia’ apenas pelos menores do (pré-maternal), para os demais era: a cozinheira, a mulher da cozinha ou a mulher que fazia o lanche, após a troca de cargo tudo mudou, quase todos alunos da escola mudaram a forma com a qual me tratavam, dali por diante era: tia ou tia Danusa, os abraços e beijos se tornaram constantes.

Contudo, tornou-se evidente que a afetividade é indispensável nas relações diárias, de outro modo, deixa profundamente triste por perceber que os sentimentos e a forma com que as pessoas são tratadas depende da função ou cargo exercido, a invisibilidade impera em determinadas situações fazendo com que aconteça o distanciamento entre as pessoas.

A ternura proporciona um vínculo baseado na veracidade, no respeito, na impressão, e que se ergue a autoestima. É nesse fluxo que a criança reverbera o prazer de estar na escola. A falta de carinho, amor e afeto comprometem o desenvolvimento do conhecimento e implica no emocional da criança. Os pais, responsáveis e os professores devem levar em consideração a proporção afetiva durante o processo e cuidarem da criança como um todo.

Se a educação não conseguir promover a construção do conhecimento por meio do afeto, do respeito às dificuldades e aos sentimentos do aluno, não será à base do autoritarismo e do castigo que formará cidadãos coerentes. Pois o afeto entre educador e educando é como uma semente lançada em terra fértil: germina numa rapidez surpreendente e produz frutos de qualidade (BONFIM, 2011, p. 9). Grifo nosso

Todo esse cenário tornou evidente a importância da afetividade no meio social, nas relações de trabalho e no setor educacional como um todo, o afeto é primordial nas diferentes fases da vida, iniciando-se no seio familiar para ser estendido no âmbito escolar, onde deve acontecer a troca entre professor e criança, com isso promover um bom desenvolvimento e entender que os bons sentimentos são elementos integradores no processo de ensino e aprendizagem, havendo o entendimento acerca de tudo isso, culminará em uma aprendizagem significativa, como também em um desenvolvimento mais completo como ser humano.

Para a pedagogia, é por meio do afeto que o docente edifica uma rede de respeito e institui relações com o educando. Com autoritarismo e punições, ele acaba

comprometendo a criança de modo negativo e a mesma contrai o anseio de não querer ir mais à escola. É com carinho e amor, ouvindo, olhando essa criança com ternura que se logrará bons êxitos. Wallon (1995) Diz que a afetividade é tudo aquilo o que o atinge e sob essa perspectiva de olhar, pode ser algo exultante ou não. As expressões dos sentimentos são mais intensos e de vastas proporções quanto mais pueris são as crianças.

1.3 Reflexão sobre o papel da família no desenvolvimento e relações afetivas das crianças

É interessante evidenciar que para ampliar essa relação afetiva, solicitando o desenvolvimento integral da criança, a escola não pode e não deve estar sozinha. A colaboração com a família é muito significativa, pois a entrada do aluno na vida escolar não pode denotar para a família o desprendimento de responsabilidades acerca de sua formação. Essa fase é só uma extensão do desenvolvimento, e é fundamental que essas duas organizações ajustem uma interação, uma concluindo a ação da outra, escola e família devem ter o mesmo escopo, fazer a criança se fortalecer em todas as questões.

Um lar sem afeto é um ambiente desprovido de amor, sentimento esse que é tão importante quanto o alimento que necessitamos para sobreviver, a falta desses sentimentos por um longo período de tempo em seio familiar provavelmente acarretará danos permanentes no psicológico infantil, no seu desenvolvimento cognitivo, imaturidade emocional, rendimento escolar e dificuldade na construção das relações de amizade.

Segundo Piaget (1962, p. 81), “Parece existir um estreito paralelismo entre o desenvolvimento afetivo e intelectual, com este último determinado as formas de cada etapa da afetividade”. Desse modo torna-se evidente que a afetividade é um importante pilar na construção da personalidade e formação do conhecimento de todos os seres humanos de forma geral.

As famílias de hoje em dia constituem-se de forma diversificada e em diferentes composições, haja vista que com isso em alguns casos acaba dificultando as relações com o âmbito escolar. Portanto, os primeiros sentimentos são iniciados, gerados, vividos e construídos nas primeiras fases da vida de uma criança através da família. Ademais, quando esse indivíduo é gerado, criado e educado em um ambiente familiar

cercado de bons sentimentos, por sua vez, cresce um ser humano empático e mais aberto a absorver novos aprendizados e conhecimentos, nos mostrando que a afetividade torna-se elemento fundamental no processo de aprendizagem das crianças.

Segundo Wallon (1995), a criança no que lhe diz respeito é um ser munido de afetividade. As primeiras aparições de afetividade da criança iniciam-se desde a gestação, quando esta faz os movimentos de pedalada. Ele destaca que os vínculos entre a afetividade e a inteligência são intrínsecos. Também observa que as emoções são mais definidas nas crianças de pouca idade, e que elas têm os pais e o professor como exemplo.

No recém-nascido, os movimentos assemelham-se a uma simples descarga ineficiente de energia muscular, onde se misturam, sem se combinar, reações tônicas, espasmos e a brusca expansão de gestos não combinados, de automatismos ainda sem aplicação, como sejam os movimentos de pedaladas já observáveis nas primeiras semanas (WALLON, 1995, p. 236).

Em um contexto emocional diferente, os filhos que sofrem algum tipo de indiferença por parte dos pais seja afetiva, até mesmo a violência doméstica, ou sexual, a carência social de pobreza, o descaso por parte de uma sociedade preconceituosa e ditadora de regras e padrões, como também a falta de afeto, tudo isso pode acarretar problemas com respeito ao aprendizado, além do mais elas não têm maturidade o suficiente para deixar esses problemas extramuros das escolas, pelo contrário, levam consigo, em suas mentes e com isso os conflitos psicológicos surgem de modo que dificulta no desenvolvimento e absorção dos conhecimentos escolares e vivências sociais.

Aspectos da dinâmica familiar podem ser muito poderosos na vida da criança, visto ser no lar que, em geral, ela desenvolve quase todos os repertórios básicos de seu comportamento, bem como já os tem como funcionais na ocasião em que tem acesso à escola (Zamberlan ; Biasoli-Alves, 1997, p. 41)

As diferentes emoções vividas e sentidas nos faz descobrir sentimentos variados, a empatia é um deles, através deste podemos provocar uma sintonia emocional com outra pessoa, nos faz colocar-se no lugar do outro. Por outro lado a falta dela pode revelar a maldade no caráter de alguém.

Há pessoas que são capazes de expressar os sentimentos com palavras, já outras demonstram apenas com gestos ou atitudes e na maioria dos casos as mulheres são mais transparentes do que os homens para esboçar sensações.

Existem relatos que a empatia é desenvolvida desde bebê, que basta esses pequenos presenciarem outra criança se machucar vai desenvolver em certos casos a solidariedade com a dor do outro, então vai-se gerando gradativamente a reação empática desde a infância até a vida adulta.

O estudo das emoções e da afetividade para o professor Wallon procede em conhecer a fundo a criança, trabalhando todas as suas peculiaridades: física, motora, social e afetiva. Conforme o parecer CNE/CEB nº 7/2010 recomenda que:

A proposta da educação infantil deve considerar o currículo como o conjunto de experiências em que se articulam saberes e socialização do conhecimento em seu dinamismo, dando ênfase à gestão das emoções, entre outros aspectos (MEC, 2010, p. 19).

O documento adverte que as experiências e vivências das crianças pronunciam-se a gestão das emoções e que as emoções são confirmadas. Ele deixa bem objetivo que o professor é o gerenciador das emoções no âmbito da sala de aula, ou seja, compete a ele direcionar ocasiões lúdicas para trabalhar as emoções.

Goleman (1995) constata que os filhos de pais emocionalmente aptos, comparados aos inaptos, são mais afetivos, sabem lidar com suas próprias emoções, são mais populares e simpáticos, menos rudes e agressivos.

De outro modo, cabe a família ensinar e buscar consolidar a edificação dos bons sentimentos aqui já citados, para que essas crianças se tornem protagonistas de um repertório de sentimentos variados que venham a contribuir na sua formação e desenvolvimento para que com isso não se gere um futuro adulto desequilibrado emocionalmente onde pode acontecer um conflito de ideias em decorrência de abandono emocional.

Em suma, enquanto alguns pais não compreenderem que a primeira forma de educar é pela afetividade e procurarem cultivar e ensinar esse sentimento dentro de casa primeiramente o cenário violento em salas de aula estará longe de ser extinguido.

2 DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO PROCESSO EDUCATIVO DIÁRIO

O choque de gerações, e o quão rápido o mundo mudou nos últimos 10 (dez) anos e a importante ferramenta que adquirimos ao longo desse tempo – a tecnologia, um recurso muito utilizado mundialmente que nos abre um leque de possibilidades para o processo educativo, deixando para trás os métodos tradicionais, as velhas práticas e as ferramentas retrógradas. Com isso os recursos tecnológicos expandem-se a medida que são explorados e utilizados para facilitar o processo educativo e as práticas pedagógicas.

A palavra ensinar vai além de números e letras, engloba sentimentos, ou seja, faz com que as crianças aprendam o significado do seu próprio bem-estar, onde se construa um ambiente de paz uns com os outros, resgatando valores através da empatia, do perdão, gratidão e com isso buscando promover um bom convívio social.

As interações emocionais devem se pautar pela qualidade, a fim de ampliar o horizonte da criança e levá-la a transcender sua subjetividade e inserir-se no social. Na concepção walloniana, tanto a emoção quanto a inteligência são importantes no processo de desenvolvimento da criança, de forma que o professor deve aprender a lidar com o estado emotivo da criança para melhor poder estimular seu crescimento individual (KRUEGER, 2002, p.5). Grifo nosso

O cérebro humano não para de raciocinar e devemos construir esses sentimentos nas crianças, ensiná-las desde os primeiros anos escolares os bons sentimentos, aqueles que nos deixam felizes, desse modo, procurando prevenir a violência na sala de aula e no convívio social.

Quando a criança é estimulada desde a creche nos primeiros meses de vida vai nascendo a empatia, o carinho, a vontade de ajudar e cuidar do outro. Para adquirirmos uma boa convivência é preciso praticar o respeito mútuo, visto que, a escola passa a ser um espaço de convívio com constantes emoções buscando viver em harmonia.

De acordo com o que assevera Rossini (2001), necessitamos dar lugar para a afetividade através de contornos e da consideração às etapas de desempenho físico, psíquico e cognitivo de cada criança, pois, daí em diante, a afetividade surgirá como um ambiente que permite a agregação da criança com a realidade vivenciada por ela, através do apoio e da inclusão, buscando a concepção de um indivíduo crítico, apreciativo e reflexivo.

A afetividade está vigente diariamente na vida da criança, é preciso que nós, futuros educadores e/ou pedagogos possamos reverberar e retomar esta temática no nosso dia a dia, formando vínculos com nossos alunos, com a intenção de tornar o espaço escolar mais prazeroso e dinâmico, fato que viabiliza uma melhor performance deles.

2.1 Recursos didáticos e tecnológicos como ferramentas de aproximação e afeto

Ao falar em recursos didáticos compreende-se que se trata de todos os elementos presentes no âmbito educacional, voltados para os estímulos e agentes facilitadores no processo ensino e aprendizagem. Por sua vez, discutir fundamentos na educação infantil/creche requer pensar o quanto esse espaço foi ressignificado e transformado ao longo do tempo.

Durante muito tempo a educação das crianças foi de exclusiva responsabilidade das famílias ou de grupos sociais aos quais pertenciam. As creches surgiram após a revolução industrial, que trouxe modificações na organização das famílias e na sociedade. Ou seja, a creche e a pré-escola foram implantadas em meio às mudanças econômicas. Para Kruecher (2002 p.14): “as creches e pré-escolas surgiram depois das escolas e o seu aparecimento tem sido muito associado como trabalho materno fora do lar, a partir da revolução industrial.”

Sabemos que todas as esferas sociais incorporam mudanças na sua percepção, organização e métodos de trabalho. Hoje, esses espaços com um caráter pedagógico têm novos sentidos e propósitos. Educar para crianças de zero a cinco anos requer ainda mais agentes estimuladores e enriquecedores que favoreçam o desenvolvimento delas.

Essa nova percepção visa a educação como guia segundo Oliveira (2001, p.75): “o desenvolvimento humano dá-se em ambientes sociais estruturados, com seus valores, modos de ação e que, ao mesmo tempo, estão abertos a mudanças [...]”. Porém, a escola não é a solução para todos os obstáculos que existem no desenvolvimento do ser humano, mas como instituição de ensino, um de seus desempenhos é a formação dos discentes enquanto cidadãos, o professor traz em suas mãos sujeitos em evolução, que precisam de uma educação mais humana e palpável, voltada para o ser humano dotado de corpo, espírito, razão e sentimentos.

Por esse viés, refletir acerca dos recursos didáticos faz parte das novas discussões, pensar o modo de agir e como se adequar a esses espaços à realidade do educando. Conforme Machado (1994, p. 28) o recurso utilizado adequadamente tende a proporcionar a participação ativa dos alunos no sentido de tornar o conhecimento acessível. “A criança é um ser social, o que significa dizer que seu desenvolvimento se dá entre outros seres humanos, em um espaço e tempo determinados”. A formação total do indivíduo é o objetivo a ser alcançado. Compete ao professor conhecer a metodologia de desenvolvimento e aprendizagem para ser apto de distinguir e atender a essas precisões das crianças.

A LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Nº 9.394/96, institui no seu Art. 62 que os docentes da Educação Básica tenham nível superior, porém, consente que na educação infantil e nas séries iniciais a instrução mínima seja em nível médio, de acordo com a modalidade normal. Entretanto, há instituições de educação infantil com professores medianos e inaptos dentro da sala de aula, carregando as emoções nas quais desconhecem de onde advém.

Na educação infantil (EI) as crianças apresentam necessidades diferentes das demais faixas etárias, o foco do seu desenvolvimento está concentrado na ação de descobrir e conhecer. Ela acontece tanto na interação com o outro ou no contato com brinquedos e objetos. Essa interação não é algo novo para a criança, mas sim algo implícito que se passa despercebido, pois ela já acontece antes da criança ingressar na instituição, vindo desde a maternidade.

Existem demandas envolvendo lecionar, dentre elas fazem parte da aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil: o conviver, o brincar, o participar, o explorar, o expressar e o conhecer-se. Ou seja, é todo um eixo de campos de experiências. E vale ressaltar que o nível de desenvolvimento das crianças nem sempre se dá no mesmo ritmo, o que vai depender também das interações e estímulos recebidos antes de entrar na EI.

Sendo assim, as práticas educativas para a EI não são tarefas fáceis, mas podem ser desenvolvidas e engajadas de acordo com os recursos escolhidos. O próprio ambiente em si é um recurso pedagógico, as situações lúdicas também são uma forma de oportunizar novas aprendizagens. Segundo Trivelato e Oliveira (2006, p.2) “a utilização de recursos didáticos pedagógicos diferentes dos utilizados pela maioria dos professores (quadro e giz), deixam os educandos mais interessados a aprender”.

A adequação para a nova realidade tem ligação com a importância da formação continuada dos professores, porém sabemos que esses cursos para aprimorar a prática pedagógica e torná-la mais eficaz, ainda torna-se distante de alguns professores. A visão, o modo de organização e planejamento do professor fará com que mesmo a partir dos seus recursos didáticos e conhecimentos, eles necessitarão estar sempre atualizados e se reciclando para que seus recursos de ensino sejam a ponte para a construção de novos saberes.

2.2 A afetividade na perspectiva de inclusão de crianças com autismo (TEA)

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é considerado um distúrbio global do desenvolvimento cujo campos afetados são a linguagem, a cognição e a interação social. Conforme a Organização Mundial de Saúde (OMS), o Transtorno do Espectro Autista está vigente na vida do sujeito a partir do seu nascimento, e dar início se manifestando profundamente por volta de aproximadamente três anos de vida, porém, antes disso, já podemos compreender o aparecimento de alguns sintomas e sinais, como estímulos atípicos a estímulos auditivos ou visuais, como também problemas na compreensão da linguagem.

De acordo com o §2º, do Art. 1º, da lei nº 12.764/2012, a pessoa com o TEA é considerado um indivíduo com deficiência e goza de todos os direitos legais a essa população. É interessante frisar que no artigo 1º, da Convenção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, divulgada pela Organização das Nações Unidas, no ano de 2006: “Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interações com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade com as demais pessoas”.

Cunha (2012) afirma que o desenvolvimento cognitivo, não é vedação, mas estará sujeito aos estímulos dos processos de aprendizagem, principalmente pela intercessão afetiva. É proeminente o ensino pedagógico em um espaço propício, saudável e de interação com o aluno, pois, nos instruímos melhor quando amamos.

Diante de todo contexto sabemos que a educação é uma área repleta de desafios, um deles refere-se a inclusão, as escolas tem a necessidade de adaptar-se as especificidades de cada criança.

O diagnóstico dá-se através de observação que cada um desses pacientes exige. Cada tipo de acompanhamento é diferente e individualizado, que precisa da atenção e participação dos pais e familiares em geral. Na maioria dos casos os pais não aceitam o diagnóstico dos seus filhos, necessitando também de apoio psicológico para que venham a aceitar essa condição.

O tratamento correto no momento certo tende a fazer com que a criança evolua em sua condição, levando uma vida normal e quando a escola se adequa ao quadro desses educandos com profissionais voltados a atender de maneira específica a necessidade dela, e sendo inserida a rede regular de ensino, mesmo sabendo que é mais complexo e rodeado de desafios, caracteriza-se como prática de inclusão.

Falar sobre esse tema deu-se com os estágios que aconteceram na creche no município de Cuitegi que ocorriam duas vezes por semana com crianças de 03 (três) a 04 (quatro) anos, uma especificamente chamou a atenção pelo fato da idade e de não conseguir falar ainda, ela tinha autismo, porém a mãe não aceitava e não fazia nenhum tipo de acompanhamento.

Em decorrência disso, essa criança necessitava de mais atenção que as outras e a ajudante de sala não tinha preparo e nem especialidade para lidar com ele, o modo com o qual era tratado o excluía dos demais e foi observando aquela situação que o desejo de envolvimento com o caso trouxe interesse.

A ferramenta de aproximação e interação naquele momento para envolvê-lo nas atividades e participação com as demais crianças, foi o afeto, através disso, criou-se um laço de confiança, como também das atividades lúdicas e da contação de histórias. Todo o processo teve evolução quando houve a aceitação da família e a criança começou a fazer o tratamento específico, com a ajuda dos especialistas e a inclusão por parte da professora percebeu-se que de forma lenta demonstrou um avanço significativo. De acordo com Barros (2007 p. 8) “a eficácia do processo da aprendizagem depende da qualidade da interação entre professor e aluno, da existência de um clima de afetuoso entre ambos”.

Essa criança precisa encontrar na escola um ambiente que o atraia, que se sinta acolhida e possibilite aprender e ensinar também, ensinar o professor a lidar com seus comportamentos diferenciados e momentos, algumas vezes tristes, apáticos, agressivos e dispersos. O vínculo afetivo criado entre professor e aluno busca evidenciar e construir uma prática pedagógica estratégica e útil para que os envolvidos

no processo de ensino e aprendizagem torne-se relevante para a apropriação do conhecimento.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1997), consta que uma educação de qualidade deve desenvolver as capacidades inter-relacionais, cognitivas, afetivas, éticas e estéticas, visando a construção do cidadão em todos os seus direitos e deveres.

Neste sentido, visando a proposta de inclusão que não só deve acontecer nas escolas especiais, mas nas regulares também, deve acontecer de forma inclusiva a ponto de proporcionar as habilidades básicas de aprendizagem, comunicação, socialização e autonomia por meio metodologias criativas, interativas, de fácil compreensão e que se adeque auxiliando no desenvolvimento de uma aprendizagem significativa e que promova a evolução das crianças com Transtorno do Espectro Autista.

O direito fundamental à educação inclusiva é do educando e não do Estado, da sociedade ou da família (art. 205, C.F.). Não podemos nos esquecer, também, que as escolas especiais, como escolas que são, devem ter conteúdo pedagógico e se preocuparem com a transmissão da educação de qualidade. Elas têm importante papel no processo de transposição da fase de educação “exclusiva” para a da educação inclusiva, pois o conhecimento técnico específico que possuem podem e devem servir como rede de apoio às escolas regulares e às pessoas com deficiência para que isso aconteça com sucesso (Paraná 2005, p.19).

Diante da complexidade de inclusão da criança com TEA implica a necessidade por parte do professor, a interação a partir da afetividade como uma das ferramentas de aproximação de forma que construa e possibilite o conhecimento, elaborando estratégias de ensino, favorecendo a participação, a aproximação com os demais colegas de sala, a evolução e a aprendizagem.

2.3 O papel e importância do educador na educação infantil

Com o passar dos séculos a imagem da criança, ou seja, como ela era vista foi se renovando e com isso a Pedagogia foi se adequando as mudanças de uma sociedade em constante evolução. Nesse contexto estão inseridos os brinquedos, brincadeiras, diferentes sentimentos, comportamentos, regras para melhorar a disciplina, entre outros.

Violência e poder são palavras de diferentes significados, porém pode-se afirmar que ambas estão sempre juntas, isso vem a depender de como as pessoas se tratam entre si.

A Constituição de 1988 vem para deixar claro o direito social das crianças e o dever do Estado em torno da educação em creches e pré-escolas para que suas respectivas mães pudessem trabalhar. Contudo, a LDB 9.394/36 em seu artigo 62, esclarece que esses profissionais têm que ter formação superior, ou no mínimo nível médio, na modalidade Normal.

A educação infantil por ser a primeira fase da educação, muitas vezes reflete e reproduz algumas atitudes e representações de como as crianças devem ser moldadas, porém compreender a forma de construir relações é o que realmente interessa, crianças educadas, livres de qualquer tipo de preconceito, de modo que, se descontra o que muitas vezes a sociedade impõe, como por exemplo, brinquedo para menina/menino ou cor de menina/menino. Tudo isso implica na importância e necessidade desse profissional passar por uma formação continuada.

A interação professor-aluno ultrapassa os limites profissionais e escolares, pois é uma relação que envolve sentimentos e deixa marcas para toda a vida. Observamos que a relação professor-aluno, deve sempre buscar a afetividade e a comunicação entre ambos, como base e forma de construção do conhecimento e do aspecto emocional (MIRANDA, 2008, p. 2). Grifo Nosso

A educação infantil e o educador são as bases para o crescimento e formação de cidadãos, participativos e autônomos, todavia tudo isso leva um tempo, tratando-se de um longo processo que é desenvolvido de forma contínua desde os primeiros anos da vida escolar.

Diante disto, pensando no âmbito educacional, o papel do docente e o da educação escolar, exerce sobre o aluno e a sociedade em geral, uma relação de poder sobre quais conhecimentos os alunos são instigados a conhecer, a aprender, partindo do pressuposto que irão lhe servir na sua integração com o meio social, permitindo-lhes viver em cidadania e ter boa qualidade de vida. As tecnologias entram nesse processo como forma de mediar a comunicação entre aluno e professor, e possibilita a aplicação de novos recursos didáticos na sala, melhorando o desenvolvimento da aprendizagem das crianças.

Pra Kenski (2007), o mais importante que as tecnologias, são os procedimentos pedagógicos mais modernos. No meio de todos esses movimentos e

equipamentos o que vai fazer a diferença qualitativa é a capacidade de adequação do processo educacional, ao processo de aprender. As redes digitais no campo educacional funcionam como um recurso didático capaz de auxiliar o professor a chamar a atenção dos alunos, trazendo filmes, slides para sala de aula, como também permite que eles explorem um único conteúdo de diversas maneiras, saindo da monotonia do livro didático e da condição de meros ouvintes.

Para que o uso das tecnologias beneficie o processo de ensino-aprendizagem, o educador precisa conhecer a ferramenta e utilizá-la de forma adequada, de modo que envolva a criança em um a metodologia inovadora e seja para ele prazeroso e valorize suas práticas em sala de aula.

Machado (1994, p. 50) “que todas as tarefas, brincadeiras ou atividades que se realizam na instituição tem valor educativo” não devendo se restringir a valorizar apenas aquele conhecimento que se constrói tradicionalmente. Todos os instrumentos utilizados com as crianças precisam ser considerados, pois seu desenvolvimento neste campo não se limitam a área da linguagem e lógica, mas perpassam o desenvolvimento integral da criança.

Em contrapartida, o uso das redes sociais tecnológicas deve ser controlado e instruído de forma correta para as crianças e adolescentes, para que estes não se tornem dependentes, e este uso não comprometa o seu desempenho nas atividades escolares. Além disso, o trabalho do professor não deve depender inteiramente desse uso, se eximindo, porém, da sua responsabilidade enquanto mediador. É possível, sim, desenvolver novos métodos de aprendizagem, pois um bom profissional tem que conhecer os seus alunos e tentar trazer recursos que facilitem o diálogo entre ambos, melhorando a qualidade da educação.

Contudo, quando fala-se de qualidade na educação, muitos fatores internos e externos à escola lhe exercem influência. Dentre eles a necessidades de reconhecimento do sistema educacional vigente e dos órgãos que comandam a educação do nosso país em investir na formação inicial e continuada de professores, para que possam se atualizar e aperfeiçoar sua formação profissional, dando mais qualidade a sua metodologia de ensino. De acordo com Gadotti (2013, p.10) “tanto os conteúdos quanto a metodologia dos cursos de formação de professores são, geralmente, ultrapassados. Eles são baseados em uma velha concepção instrucionista da docência”.

Em suma, evidenciar a importância do docente na vida dos discentes envolve todo um processo de escolarização englobando sentimentos e emoções, a intensidade com que eles acontecem torna ainda mais marcante essa trajetória. As condições afetivas estreitam esses laços entre ambos de forma positiva e acolhedora na busca e formação dos conhecimentos.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

O vigente trabalho é um estudo acerca da afetividade, visto que, falar de afetividade é assegurar em mente que é um conjunto de comportamentos, atitudes e sentimentos que se despertam as emoções, sejam estas agradáveis ou não. No vínculo com o adulto, a criança evidencia sua afetividade de maneira positiva ou negativa, sendo que as emoções benéficas correspondem ao amor, tranquilidade, paz e a alegria, enquanto as emoções malélicas se pautam a cólera (raiva), frustração e ao medo. Esses aspectos dependem muito do vínculo que o adulto constitui com a criança, seja no espaço escolar ou familiar.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Este estudo se situa nos moldes de abordagem qualitativa de pesquisa, que tem como escopo o anseio de observar a realidade a partir da ressalva inicial, para só assim poder estabelecer novas hipóteses e novas contribuições para o estudo. A fundamentação do estudo é explicativa onde buscam-se priorizar nos fatores que ocasionam num específico fenômeno, para assim, intensificar o conhecimento da realidade. No contexto da abordagem qualitativa de pesquisa, realizaremos uma pesquisa de cunho exploratória, que consiste numa primeira aproximação do pesquisador e o tema estudado.

As pesquisas qualitativas, por outro lado, não têm um padrão único porque admite que a realidade é fluente e contraditória, e os processos de investigação dependem também do pesquisar-sua concepção, seus valores e seus objetivos. Para este, a epistemologia significa os fundamentos do conhecimento que dão sustentação á investigação de um problema. (Chizzotti 2008,p.26).

Este estudo se configura também na abordagem de pesquisa participante, pois, o objeto de estudo, foi o próprio caminho para se responder as questões da problemática pesquisada.

Nesse sentido, de acordo com Malheiros (2011, p. 110),” a pesquisa participante consiste na introdução dos membros que compõem o objeto como corresponsáveis pela análise dos dados coletados.”

A opção por essa metodologia, realizada por seus instrumentos de coleta de dados, se mostrou acertada e adequada para atingir para que pudéssemos atingir os objetivos que esboçados na elaboração do projeto.

3.2 MÉTODO DE PESQUISA

Esta pesquisa foi realizada em dois âmbitos públicos de ensino nas cidades de Alagoa Grande e Cuitegi, PB, foi desenvolvida nos anos de 2018 e 2019. O nosso campo investigatório foi o estágio do Pibid e meu campo de trabalho, os sujeitos da pesquisa foram professoras, alunas e funcionários das duas instituições de ensino.

Na sequência o trabalho foi desenvolvido em duas etapas: a primeira etapa a observação e participação como estagiaria em uma creche e a segunda foi a observação e vivência de fatos ocorridos no setor de trabalho que atuo, uma escola municipal.

Portanto, tudo que foi presenciado e observado permitiu diversas reflexões em torno da pesquisa e foi a partir disso que avaliamos que os resultados almejados foram alcançados.

O trabalho foi efetivado com o intuito de mostrar o progresso de diversas etapas. A revisão bibliográfica fez parte de uma das etapas mais necessárias para a construção de todo o período da pesquisa e criação, que se deu por meio de leituras constantes de livros, artigos já com publicações e monografias, acerca do comportamento das crianças a partir da convivência em sala de aula com suas professoras, o modo como são tratadas, a forma de aplicação e execução das atividades e a relação afetiva construída, fez-se necessário utilizar os seguintes instrumentos de pesquisa: observação participante e diário de campo, com intuito de analisar como é edificado o laço diário e se realmente as emoções configuradas no afeto e carinho diário transforma o aprendizado e é constante na vida escolar dessas crianças.

4 ANÁLISE E DISCUSSÕES DE DADOS

A coleta de dados foi dividida em duas partes: No estágio do PIBID e no meu campo de trabalho.

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) é o programa que oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais que se dediquem ao estágio nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometam com o exercício do magistério na rede pública. O objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública. Com essa iniciativa, o Pibid faz uma articulação entre a educação superior (por meio das licenciaturas), a escola e os sistemas estaduais e municipais.

O campo de trabalho que atuo é uma escola da rede pública municipal de ensino fundamental, onde atuei como merendeira por cinco anos e dois anos como agente administrativo, ambas funções através de concurso público.

4.1 No estágio do PIBID

Os estágios ocorreram a partir do dia 26 de fevereiro de 2019 e foram até o dia 03 de dezembro de 2019, os dias eram nas terças e quartas feiras, em dupla, na turma do jardim de II. Os primeiros dias foram determinados por observar com o intuito de compreender aos poucos a rotina das crianças e como dava-se o relacionamento entre a professora, ajudante e as crianças, como também o espaço físico, materiais didáticos utilizados e metodologia.

A turma era composta por 14 crianças entre 03 e 04 anos, entre elas duas consideradas “especiais”, um menino com suspeita de autismo (TEA), cujo a mãe não aceitava aquela possibilidade e uma menina com restrição na visão (via apenas vultos). A ajudante da sala apesar de dividir-se entre eles foi contratada exclusivamente para acompanhar a menina.

Observamos que a turma estava bem acomodada pois a sala era ampla e arejada, existia alguns brinquedos educativos, TV, DVD, mesinhas e cadeiras compatíveis com a altura delas, a sala bem colorida tinha em como elementos decorativos, cartazes e letras que representavam as vogais e o alfabeto.

A partir do que foi observado estávamos diante de uma sala típica de creche, voltada para suprir as necessidades da rotina das crianças, apesar de ser um período

integral era oferecida alimentação, produtos de higiene e até mesmo vestuário.

É somente pela investigação dialética que a pedagogia poder dar conta de conhecer e estabelecer as finalidades (atividade teórica) conjugadas às necessidades e possibilidades materiais para fazer da educação (práxis educativa) o processo de humanização do homem (PIMENTA, 2011. p. 98).

Conforme foi passado o período de observação iniciaram as regências, ou seja, pudemos pôr em prática nossa metodologia, sempre com o cuidado na preparação dos planos de aula, atividades a serem executadas e um brinquedo educativo reciclado, construído por nós e voltado para o tema trabalhado. O início de cada aula acontecia primeiramente com um momento de oração, canção de “boa tarde”, apresentação do plano a ser mediado, seguido por roda de conversa, atividades e algumas brincadeiras.

Em torno dessas regências aconteceram alguns episódios que chamaram a atenção e todos com a mesma criança, o menino que era tido como “especial”. O primeiro aconteceu quando observamos a falta de paciência e afeto por parte da ajudante de sala com o menino por apresentar em um dado momento certa agressividade em realizar a atividade.

A situação foi incomoda para nós estagiarias, de modo que conseguimos contornar e amenizar a situação momentânea com um pouco de atenção e carinho, contudo trouxe reflexões a cerca do aprendizado e a afetividade. Até que ponto as emoções influenciam ao longo desse caminho e até mesmo de que maneira proceder ao se deparar com certa situação. Essa é uma realidade que acontece em muitas salas de aula e vão continuar persistindo enquanto não houver uma seleção adequada e formação continuada dos profissionais da educação.

Seguindo essa lógica, para Piaget (1971), o papel da afetividade tem importante função para inteligência, ela é a energia que propulsiona, assim, para que ocorra o desenvolvimento cognitivo é essencial que seja trabalhado a afetividade, onde, o educador deverá ter em mente que a criança aprende de maneira significativa, quando se sente motivada, os procedimentos metodológicos que envolvem ensino-aprendizagem não devem desconsiderar o afeto entre a relação criança-educador.

O segundo episódio aconteceu baseado no contexto de exclusão, quando a mesma criança foi excluída por parte da professora em realizar as atividades em conjunto com as outras crianças.

PROFESSORA: Não, não façam a atividade com ele agora, deixe os outros acabarem e depois faz com ele sozinho.

Nesse episódio, observa-se que a professora não tem formação adequada para lidar com o menino, a falta de preparo torna o aprendizado e inclusão distantes da realidade diária escolar dele. A atitude e fala dela deixa claro que é necessário estabelecer parâmetros que sejam utilizados na aproximação de crianças com autismo e os demais.

Os desafios existem, porém os profissionais são fundamentais para que ocorra a socialização com estratégias diversificadas e atenção individualizada em horário propícios, com educadores qualificados e preparados para atuar nas salas regulares e de AEE, de forma que ocorra como prática de complemento em meio ao aprendizado, de modo que não aconteça a exclusão diante as outras crianças.

Mazzotta (2003) diz que a formação de professores do ensino regular precisa ser retomada, para torná-los capazes de desenvolver uma educação inclusiva para atender a todos.

Entende-se que cada educando tem seu tempo e ritmo a ser cumprido, deve-se considerar o nível de compreensão e desenvolvimento visando maior autonomia e aprendizado.

O terceiro episódio deu-se quando a criança viu a porta aberta e fugiu de dentro da sala para o pátio, a ajudante de sala foi ao encontro dele com o objetivo de leva-lo de volta para sala de aula e não obteve êxito, ao voltar a professora questionou o porque ela não conseguiu.

AJUDANTE: Eu não trouxe ele porque não quis vir, então achei melhor deixá-lo lá, pois assim a sala fica mais tranquila e não atrapalha as outras crianças.

Mais uma vez, fica evidente o despreparo de ambas as educadoras, não existe interesse em procurar, propor ou apresentar qualquer tipo de metodologia específica e diferenciada para proceder nesse caso específico, o menino é sempre posto de lado.

Segundo Ferreira (2006) é possível citar algumas atividades para o autista aprender brincando como: jogos de mesa, brincadeiras de pintura a dedo e com pincel, jogos na quadra, brincadeiras com recortes e colagens, jogos do dado com sílabas, pintura com guache em muros ou calçadas. O uso de computador também é uma ferramenta recomendada para o ensino do autista, pois seduz para aprendizagens

duradouras e como são alunos individualistas ficam muito bem frente ao computador.

Com uma atividade lúdica que chame atenção, carinho, afeto, e brinquedos educativos envolventes aos olhos dele, foi assim que procedemos como estagiárias, com métodos e estratégias simples adentramos lentamente no mundo dele, a partir daquilo a professora deu início a práticas parecidas e com isso sentiu-se um discreto progresso no desenvolvimento intelectual daquele menino.

4.2 No meu campo de trabalho

O funcionalismo público proporcionou muitas experiências, boas e alguns momentos de reflexão, há doze anos inserida nesse contexto as hierarquias sempre estiveram presentes ao longo deste caminho. Considerando o tempo e os diferentes locais de trabalho percorridos conclui-se que o indivíduo é julgado e reconhecido recorrente a caracterização aos tipos de ocupação, ou seja, o funcionário é visto e respeitado conforme o trabalho que desempenha.

Foram cinco anos exercendo a função de merendeira e dois anos como agente administrativo, com períodos, escolas e públicos diferentes, tudo isso tornou evidente o impacto que a invisibilidade social reflete na vida de alguém de acordo com a profissão exercida.

Quando desempenhava a função de merendeira tinha uma rotina de trabalho cercada de responsabilidades e extremamente exaustiva, todavia eram horas de pé em meio a muito calor (por conta do fogo). A rotina diária de trabalho dava espaço a invisibilidade por parte da maioria do corpo docente, discentes e até mesmo pelos pais, entretanto acaba recaindo o estigma de inferioridade.

A invisibilidade pública é resultado de um processo histórico de longa duração. Rebaixa a percepção de outrem, especialmente a percepção de alguém vinculado à forma baixa do salário assalariado, o trabalho desqualifica, alienado e alienante.(COSTA, 2008, p.15)

Ao ocupar o cargo de agente administrativo a situação transformou-se, a partir do princípio, as acomodações e ferramentas de trabalho eram completamente diferentes, de panelas, pratos, talheres, fogão, a computador, impressora, de modo que quase sempre sentada e com ventilador pessoal, toda essa situação gerou ganho de “status” e respeito, todos passaram a enxergar e tratar de modo diferente, ao contrário da outra ocupação, a nova foi exercida apenas em uma escola, que por sua

vez define-se em um ambiente com espaço amplo agradável, composto de uma equipe unida e harmoniosa, diferente da outra função que aconteceu em três escolas diferentes.

Estar ocupando a função de agente administrativo trouxe visibilidade, mais responsabilidades e grande destaque junto ao quadro de funcionários daquele âmbito escolar. Na verdade a única intenção sempre foi ser vista com carinho e afeto por quem tanto amava, os alunos, e ser reconhecida pela profissional competente e dedicada.

Portanto, pode-se destacar a importância social e laboral de qualquer profissional, fazendo ser reconhecido primeiramente como ser humano e necessidade de cada função para a sociedade.

Todo esse percurso laboral, os opostos que divergem dos cargos de merendeira e agente administrativo destaca alguns casos que nos deixa evidente a invisibilidade e transformação vivida entre os dois.

Primeiro caso: Aconteceu ainda como merendeira, em um desfile de dia 7 de setembro. As auxiliares de serviço gerais e merendeiras ao findar seu trabalho eram dispensadas para ir embora, os demais cargos permaneciam para auxiliar no acompanhamento do desfile, para nós isso caracterizava-se como exclusão, pois mesmo que quiséssemos ir não podíamos, só os cargos mais elevados.

Para Porto (2008) a invisibilidade é tão automatizada na sociedade que muitas vezes nem mesmo o próprio ser invisível dá conta de sua infamante situação.

Contudo, gera um sentimento de tristeza e desmotivação profissional, ocorreu para tal a dita invisibilidade das atividades-meio e a condição desprestigiada na hierarquia organizacional em comparação à dos professores.

Nosso trabalho só proporcionava momentos de visibilidade de acordo com a conveniência e situação do momento, visto que obter reconhecimento diante uma carga de trabalho exaustiva era uma negativa quase constante por parte de alguns funcionários.

Segundo caso: Ocorreu logo nas primeiras semanas como agente administrativo, foi requisitada minha presença para representar a gestora, visto que no referido dia já tinha outro compromisso.

GESTORA: Dan, gostaria que você me representasse junto a três professoras e três turmas de alunos para a visita do museu de

Jackson do Pandeiro.

O sentimento que define tal situação é de surpresa, como também nos faz refletir em meio a muitas emoções, positivas e negativas, mudanças e reconfigurações que resultam em novas patologias de trabalho, esses aspectos evidenciam mais uma vez o quão um cargo melhor de trabalho faz mudar visões e relações laborais.

Através de estudos realizados por alguns autores Celeguim e Roesler, (2009) é possível assegurar que existem profissões que são mais valorizadas do que outras, como é o caso de médico ou advogado quando comparado à faxineiro ou mesmo gari.

Apegando-se a esse viés o sentimento de inferioridade e tristeza destaca-se mais uma vez, como também o de esperança que algum dia isso mude e o funcionário venha a ser valorizado e visto como sujeito essencial dentro do contexto inserido.

Terceiro caso: Decorre das relações interpessoais entre o quadro docente, alterou-se significativamente. Todos os problemas que manifestavam-se em sala de aula era chamada para resolver, certa vez foi a própria gestora que requereu minha presença para auxiliar a professora.

GESTORA: Por favor, Dan resolva essa situação pra mim, não posso agora e você precisa adequar-se a esse tipo de situação para me representar, impondo respeito, normas e regras.

PROFESSORA: Vamos, Danusa. Tente conter aquela criança e se não conseguir traga para secretaria.

A partir desse caso tudo que se almejava foi alcançado, a visibilidade, o carinho, amor e afeto das crianças, foi conquistado bruscamente e de modo geral. Para compreender a existência de uma desproporção invisível é necessário analisar a coerência do sistema de conhecimento, ou seja, as sequências e relações típicas que contribuem para a constituição deste fenômeno social, salientando a invisibilidade sofrida e a visibilidade desejada.

Conforme Castro (2011, p. 73), “Só desperta amor pela descoberta, pelo novo, quem tem amor pela vida, quem vivencia o amor não apenas em palavras mas também na ação”

Trabalhar e conviver cercada de bons sentimentos, da afetividade almejada é extremamente gratificante, ademais torna o ambiente agradável, leve e a rotina diária satisfatória.

À pesquisa proporcionou compreender como se dão as relações afetivas em sala

de aula entre educadores e educandos. A análise de dados possibilitou conhecer através de observações a relevância da afetividade e evidenciar o poder dessa importante ferramenta mediadora para desenvolver as práticas pedagógicas no processo de ensino e aprendizagem da vida escolar das crianças.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática abordada neste trabalho, a função da afetividade e suas influências, é primordial para que os docentes reverberem acerca de suas práticas, atividades e aptidões como educadores no espaço da sala de aula e de qual maneira estão atuando na convivência educativa. O professor precisa estar informado de que o que empreende a sua realidade é a afetividade e que dela submete-se a aprendizagem do seu aluno em todos os aspectos possíveis.

A situação de algumas escolas públicas é de carência, de estrutura e material pedagógico visto que, a afetividade das crianças se sobressaem diante as dificuldades. São crianças que, em algumas das situações, habitam na pobreza, no alcoolismo, na prostituição, na droga, no crime. É impraticável não se envolver com essa triste condição.

O docente, no que lhe concerne, tenta ser brando, frequentemente se suprime ou se irrita, sendo ríspido, não compreendendo que os modos das crianças se portarem, advindas pelas emoções, mostram uma discrepância gerada, amiúde, por um desajustamento familiar.

A família e o professor são as peças principais e formadores das relações afetivas da criança, e que tanto a instituição escola, como o núcleo familiar são os verdadeiros e exclusivos responsáveis pelo processo de formação da personalidade. Preconiza-se que na grade curricular do curso de Pedagogia poderia ser abarcado o estudo e pesquisa relacionados as emoções, atentando a afetividade do professor para que este reflita de maneira positiva na afetividade da criança e seus cuidados. Exercer o trabalho na afetividade do profissional que opera em sala de aula evolui a sua atividade pedagógica e intervém no desenvolvimento de aprendizagem da criança.

A partir daí, reiteramos que as escolas devem conduzir as ações para um ensino de qualidade, que reverencie por respeito em seus vínculos, enaltecendo o valor de cada um, seja na inclusão de crianças com autismo, seja na inclusão de crianças que vivem em lares desestruturados, pois o laço afetivo e social devem caminhar juntamente com o cognitivo, vislumbrando assim, um resultado exitoso e positivo na construção do indivíduo.

Ademais, a experiência vivenciada foi bem-sucedida, em razão de que permitiu experimentar na praticidade como a afetividade é apropriada para mudar os vínculos

de interação entre a criança e os espaços que ela convive. Assim, cooperou para refletirmos como pequenas ações são tão significativas para as crianças e são necessárias no processo de formação. A metodologia deste trabalho configurou-se para compreender os estudos sobre a influência e as contribuições da afetividade na educação infantil acerca da aprendizagem.

Logo, a partir desta pesquisa, pudemos perceber a relevância de implantar no trabalho educativo no cotidiano da escola a afetividade, os laços afetivos, versando colaborar para o desempenho da criança e sua autoestima, através da intervenção do docente na sala de aula. Nesse ínterim, Wallon (2007) confirma que todo o trabalho que foi desempenhado quando corrobora que cada indivíduo tem o tempo para seu próprio progresso, numa construção avançada onde as funções afetivas e cognitivas são cruciais para o desenvolvimento da criança que está incluída na educação infantil.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. R. S. **A emoção na sala de aula**. Campinas: Ed. Papyrus, 1999.

ANTONINO, Edileide; VIGAS, Maria Célia; PEIXOTO, Maria de Fátima (Orgs.). **Ação psicopedagógica: uma contribuição para a construção do conhecimento**. Salvador: Editora da Assembleia Legislativa da Bahia, 2012.

BARROS, A. S. S. Discursos e significados sobre as pessoas com deficiências nos livros didáticos de português: limites de sentidos e representações acerca da diferença. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 13, n. 1, p. 61-76, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1998.

_____. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 2012.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2010.

CASTRO, Edilene, **Afetividade e limites: uma parceria família e escola**, 4 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

CELEGUIM, C.R.J & ROESLER, H. M. K. N. **A invisibilidade no âmbito do trabalho**. Interação Revista Científica da Faculdade das Américas, 3 (1). 2009.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008

COSTA, F. B. **Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social**. Rio de Janeiro: Globo 2004.

CUNHA, Eugênio. **Afeto e Aprendizagem: Relação de Amorosidade e Saber na Prática Pedagógica**. Rio de Janeiro: WAK, 2012.

DA COSTA, Fernando Braga. Moisés e Nilce: retratos biográficos de dois garís. **Um estudo de psicologia social a partir de observação participante e entrevistas**. 2008. 302 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social. – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008

DICIONÁRIO AURÉLIO. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**: Editora Nova Fronteira, 1994.

FERREIRA, W.B. **Educar na diversidade: práticas educacionais indusivas na sala de aula regular**, pp.317-3323 Em: ensaios pedagógicos. Educação inclusiva: direito à diversidade. Brasília DF. MEC/SEE, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FILHO, Kleber Prado, MARTINS, Simone. **A Subjetividade como objeto da (s) psicologia (s)**. **Psicol. Soc.** vol.19 no.3 Porto Alegre Sept. /Dec. 2005.

GADOTTI, Moacir. (2013) **Qualidade na educação: uma nova abordagem**. In: Congresso de Educação Básica: qualidade na aprendizagem. Florianópolis. **Anais...**, Florianópolis: Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, 2013. p. 1-18.

GOLEMAN, D. (1995) **Inteligência emocional, a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. Rio de Janeiro. Objetiva.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

KRUEGER, Magrit Froehlich; **A relevância da afetividade na educação infantil**. Santa Catarina: Instituto Catarinense de Pós-Graduação e Associação Educacional. Leonardo da Vinci, 2002.

LEFORT, C. O nome de um. In: La Boétie, E. **Discurso da servidão voluntária**. São Paulo, Brasiliense, 1982.

MACHADO, Maria Marcondes. **O brinquedo-sucata e a criança: a importância do brincar; atividades e materiais**. São Paulo: Loyola 1994. 111p.

MALHEIROS, Bruno Taranto. **Metodologia da Pesquisa em Educação**. RJ: LTC,2011

MIRANDA, Elis Dieniffer Soares. **A influência da relação professor-aluno para o processo de ensino-aprendizagem no contexto afetividade**. 2008. Disponível em: <https://ieps.org.br/ARTIGOS-PEDAGOGIA.pdf>.

MAZZOTA, M.J.S **Trabalho docente e formação dos professores em educação especial**. São Paulo: EPU, 2003.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos. **Educação Infantil: muitos olhares**. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

PIAGET, J. **A relação da afetividade com a inteligência, no desenvolvimento mental da criança**. Texto retirado da internet e traduzido do original "the relation of

affetivity to intelligence in the mental development of the child". Bulletin of the Menninger Clinic, London, v.26, n.3, 1962, V. 26, n. 3.p. 158- 200, mar. 1962

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação.** Rio de Janeiro: LCT, 1971.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estagiário na formação de professores: unidade teoria e prática.** 10 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

Pinto, M., Sarmiento, M. J. (Coords.) (1997). **As Crianças: contextos e identidades.** Braga: Centro de Estudos da Criança/Universidade do Minho, 293 páginas. ISBN: 9729732310.

ROSSINI M.A.S **Pedagogia afetiva Petrópolis,** RJ: Vozes, 2001.

SALTINI, Cláudio J. P. **A efetividade inteligência: a emoção na educação,** 4ª edição. Rio de Janeiro: D&PA, 1999.

TRIVELATO, S.L.F.; OLIVEIRA, O.B. **Práticas docentes: o que pensam os professores de ciências biológicas em formação.** XIII ENDIPE. Rio de Janeiro, 2006.

_____, **Afetividade e inteligência.** Rio de Janeiro: DP& A, 1997.

WALLON, H. **Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil.** Izabel Galvão. Petrópolis, RJ; Vozes, 1995.

WALLON, Henry. **A evolução psicológica da criança.** Lisboa, Edições 70, 2007.

Zamberlan, M.A.T; Biasoli- ALVES, A.M.M,(1997), **Intervenções familiares-** teoria, pesquisa e subsídios à intervenção. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina.